



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## **Territorialidades identitárias: a rua gay de São Paulo, acionamentos e disputas**

Bruno Puccinelli

Mestrando do PPGCS - Unifesp

monobruno@hotmail.com

### *Introdução*

Que identidades um espaço pode ter? E um espaço público, uma rua por exemplo, como pode ser definida e quem está apto a defini-la? Uma rua pode ter uma identidade 'sexual'? O presente artigo pretende se deter em alguns aspectos observados numa pesquisa maior em andamento acerca da apropriação de espaços públicos em grandes cidades como forma de definição de uma identidade sócio-sexual, no caso a Rua Frei Caneca em São Paulo. Irei me ater a alguns dados provenientes de observação participante já realizada e em andamento, as quais informam de que forma se dão as definições identitárias no espaço da rua e nos espaços na rua, como essas definições interagem com o cotidiano local, auxiliam na separação em grupos e acionam manifestações de cunho político.

A Frei Caneca, como ficará mais claro adiante, é conhecida (e reconhecida) pela sua presumida presença maciça de gays, nome comumente utilizado para se referir a homossexuais masculinos e tal dado genericamente compartilhado tem conformado identidades sexuais fixadas naquele espaço, dando margem a descrições desse fato peculiar, incremento comercial direcionado a públicos homossexuais e também agressões e violência de cunho homofóbico em suas redondezas. O que será destacado aqui é a forma pelas quais se define outros e se autodefine em relação à sexualidade, o que esses dados identitários configuram enquanto definição desejada, positivada ou não, e a relação de inclusão e exclusão de certos grupos formados a partir de alguns desses dados identitários. A ênfase na questão da identidade não significa a compreensão de signos identitários preconcebidos e que sejam pensados a priori, mas somente trazer à tona o discurso observado no locus de pesquisa, qual seja, a definição de uma identidade fixa e/ou fixada, que aloca sujeitos em espaços específicos. Após breve contextualização da realidade pesquisada procederei a um aprofundamento da análise proposta.

Assim, compreender a dinâmica dos fluxos e deslocamentos de determinado grupo na



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

perspectiva da atribuição de uma identidade sócio-sexual, não apenas personológica, mas também territorial, constitui um dos focos principais do artigo, a fim de contribuir para uma discussão mais ampla que congregue trabalhos focados nas dinâmicas cidadinas, por um lado, e da atribuição de identidades sexuais e de gênero, por outro. A noção da constituição de um *gueto* ajuda a embaralhar essas duas perspectivas, juntar a questão urbana com as definições de pertencimentos e legitimações acionadas pela identidade sexual, e certamente é um dos pontos mais controversos dos discursos, contribuindo para algumas ênfases com relação à rua.

*O shopping gay, a rua gay, o gueto gay: conformações identitárias e espaço*

A cidade de São Paulo, maior metrópole brasileira, congrega cerca de quinze milhões de habitantes que se identificam e se separam pelas mais diferentes razões: gostos, poder aquisitivo, local de moradia, etc. A cidade também é conhecida pelas desigualdades sociais que abarca, possuindo desde uma rua repleta de grifes internacionais, como a Rua Oscar Freire, até ruas de terra batida nas suas extremidades, nos limites com outros municípios. Há cerca de dez anos a cidade também é conhecida por possuir a maior Parada do Orgulho LGBT do mundo na Avenida Paulista, uma das principais vias, símbolo da capital paulista. Mais recentemente alguns bairros e regiões mais próximos ao Centro velho da cidade têm recebido uma série de incentivos e incrementos imobiliários no sentido de revitalizar espaços degradados pelo tempo, esquecidos pelo investimento privado e sem atenção do poder público. Essa não é necessariamente a realidade da Rua Frei Caneca, localizada entre a Avenida Paulista e o Centro, mas é possível vislumbrar uma série e de mudanças que lá ocorrem na última década.

Inaugurado em 2001, o Shopping & Convention Center Frei Caneca, localizado na rua de mesmo nome, é um dos símbolos dessas mudanças, o qual tem sido palco de discursos diversos de pertencimento, fluxos e identidades no que se refere à já bastante divulgada frequência de públicos homossexuais<sup>1</sup>. Desde 2003, pelo menos, pode-se contextualizar uma maior divulgação de tal frequência devido a alguns acontecimentos relativos a discontinuidades da administração do shopping com seu público 'peculiar': neste ano um casal de homens foi convidado a se retirar do shopping por um segurança por estar trocando beijos em público, fazendo com que o local fosse

<sup>1</sup> Utilizo o termo no plural por entender a maleabilidade das chamadas identidades sexuais, mas, a fim de simplificar a leitura, utilizarei apenas o termo genericamente empregado para se referir a homossexuais masculinos, *gay*, visto que boa parte da atribuição e discussão de pertencimento identitário referente ao lócus da pesquisa está a ele relacionado; além disso, dados etnográficos atestam uma maior presença de homens jovens, ainda que a atribuição de identidades sócio-sexuais estejam subordinadas a outras questões, como performance de gênero, espaços de circulação, etc. Uma discussão mais profunda sobre o assunto pode ser vista em Fry (1982), Carrara & Simões (2007) e Butler (2003).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

alvo de processo com base em lei anti-discriminatória do estado de São Paulo<sup>2</sup> e um protesto público na sua praça de alimentação intitulado *beijaço*<sup>3</sup>. A partir de então o local passou a ser conhecido pela presença de gays, principalmente, ganhando apelidos que faziam referência a isso, como *Frei Boneca* e *Gay Caneca* (CARVALHO, 22/06/2003).

No bojo deste contexto, e de uma situação econômica favorável a um expressivo incremento imobiliário na cidade de São Paulo, bem como o crescimento dos estabelecimentos comerciais de lazer preferencialmente destinados a um público *GLS* ou *gay-friendly*<sup>4</sup>, a Rua Frei Caneca também ficou conhecida pela prevalência da frequência de gays. Dentro deste 'circuito'<sup>5</sup> homossexual da Frei Caneca, pode-se incluir também fluxos significativos na Rua Augusta<sup>6</sup>, uma de suas paralelas, dotada de públicos diversificados, seja no poder aquisitivo, seja nas classificações por gênero, sexualidade e estilos de vida marcadamente diferentes (VEGA, 2008), no que se convencionou chamar *marcadores sociais da diferença*. Há de se localizar também alterações cartográficas e deslocamentos recentes de circuitos homossexuais neste período, localizada na década de 1990 na região do bairro dos Jardins, na Rua da Consolação, próxima à Avenida Paulista, com diversos estabelecimentos comerciais e de lazer direcionados aos gays e lésbicas, todos hoje fechados.

Mais recentemente a Rua Frei Caneca tem ganhado destaque devido à polêmica criada em torno do projeto de oficializá-la como uma rua *temática*<sup>7</sup> *gay*, apresentado por uma associação *GLS*, a qual pretende, além deste projeto (que inclui a 'revitalização' do logradouro), destinar parte de seus trabalhos para a área de saúde e acolhimento de pessoas em situação de rua, todos direcionados à comunidade homossexual. Essa é uma questão que se mostrou importante de ser explorada, e que até hoje gera discussões: a polêmica criada em torno do projeto de tornar a Rua Frei Caneca

<sup>2</sup> ESTADO DE SÃO PAULO. Lei n. 10.948 de 05 de novembro de 2001: 'Dispõe sobre as penalidades aplicadas à prática de discriminação em razão de orientação sexual e dá outras providências'.

<sup>3</sup> Protesto comumente utilizado contra a discriminação a homossexuais no qual diversos casais do mesmo sexo se beijam em local público. Neste caso, a administração do shopping, ciente da repercussão negativa da expulsão, aproveitou o 'evento' para torná-lo uma festa, adornando seus corredores com bandeiras do arco-íris e contratando um DJ; situação semelhante é observada durante o fim de semana de realização da Parada do Orgulho LGBT, já que o shopping fica próximo às ruas do evento. Ver comentários a respeito em FRÚGOLI JR. (2008).

<sup>4</sup> *GLS* é a sigla para Gays, Lésbicas e Simpatizantes e comumente se refere a estabelecimentos comerciais voltados a este público, enquanto *gay-friendly* é um expressão amplamente usada nos Estados Unidos para designar estabelecimentos que não discriminam homossexuais (ver França, 2006).

<sup>5</sup> Segundo Magnani (1996, 45) a noção de *circuito* "une estabelecimentos, espaços, e equipamentos caracterizados pelo exercício de determinada prática ou oferta de determinado serviço, porém não contíguos na paisagem urbana, sendo reconhecidos em sua totalidade apenas pelos usuários (...)".

<sup>6</sup> A Rua Augusta, no trecho em que é paralela com a Rua Frei Caneca, é historicamente conhecida pela presença de mulheres prostitutas na rua e em casas de prostituição. Há cerca de cinco anos o investimento em bares e casas noturnas diferenciadas vem alterando o público frequentador, seu poder aquisitivo e seus novos investimentos: atualmente está em construção um edifício de apartamentos de luxo que fica ao lado de uma dessas casas de prostituição.

<sup>7</sup> São Paulo possui cerca de 52 ruas temáticas (rua das noivas, rua das grifes, etc), das quais poucas são oficiais.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

oficialmente gay. Alguns atores se tornaram centrais nessa discussão pela ampla utilização da noção de um *gueto gay* local e uma breve passagem sobre os principais acontecimentos acerca do assunto, ainda em voga, e dados etnográficos auxiliarão numa melhor compreensão dos conflitos sobre a definição das legitimações sobre a Rua Frei Caneca.

Em julho de 2008 o presidente da recém criada Associação GLS Casarão Brasil, Douglas Drumond, apresentou à imprensa o projeto de tornar a Frei Caneca uma rua temática oficial, no caso, uma *rua gay*. Baseado em dados de pesquisas na internet sobre qual seria a rua *mais gay* de São Paulo<sup>8</sup> e num levantamento visual feito por seu assistente, Drumond definiu a Frei Caneca como uma rua “tomada por gays” Segundo suas próprias palavras, “é só olhar na rua para ver, nem precisa perguntar”<sup>9</sup>. Assim, para sua necessidade de defesa do projeto, bastou um levantamento visual para se definir a prevalência desse público. Segundo a imprensa (PRONSATO, 13/08/2008), o projeto contava ainda com o apoio dos então vereadores Soninha Francine (PPS) e Netinho (PSDB).

Em pouco tempo a Sociedade dos Amigos e Moradores de Cerqueira César (Samorcc), representada pela sua então presidente, Célia Marcondes<sup>10</sup>, se posicionou contrária ao projeto: “Espero que a Frei Caneca seja uma rua para todos. As ruas são públicas, são para todos. Não podem ser um gueto”. Marcondes ainda argumentou que nem todos os moradores da rua seriam gays e que os mesmos não poderiam conviver com esse estigma; também salientou a existência de crianças e idosos e uma paróquia centenária na Frei Caneca como dados a serem considerados sobre o assunto.

Juntou-se à discussão a Associação da Parada LGBT<sup>11</sup> de São Paulo (APOLGBT), responsável pela organização da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo e uma das principais articuladoras da militância homossexual na cidade. Para a APOLGBT, criar uma rua temática gay seria criar um espaço de segregação para os homossexuais, um 'gueto', quando na verdade se necessitava brigar pela aceitação das 'minorias sexuais' em todos os logradouros da cidade.

Boa parte da literatura que se debruçou sobre os *guetos gays* de São Paulo tomou como exemplo as pesquisas norte-americanas sobre o caso paradigmático de alguns bairros da cidade de São Francisco (LEVINE, 1979). No caso brasileiro, a expressão não foi transportada sem uma série

<sup>8</sup> Ver a matéria “Gay Caneca”, 21/07/2008 disponível no site *MixBrasil*.

<sup>9</sup> Entrevista realizada em abril/2009.

<sup>10</sup> Marcondes é apontada como umas das responsáveis por entrar com processos que obrigaram os estabelecimentos direcionados aos gays e a outros públicos homossexuais nos Jardins fossem todos fechados ao longo dos últimos 15 anos.

<sup>11</sup> *LGBT* é a sigla utilizada pelo movimento de defesa dos direitos homossexuais e aglutina as lésbicas, os gays, os bissexuais e os transgêneros (travestis e transexuais).



de mediações: muitas vezes referente a um agrupamento fluido de estabelecimentos comerciais dirigidos a ou frequentados por gays, o gueto era a expressão da circulação de lazer destes indivíduos ou um marcador político importante de afirmação de existência pública e visível<sup>12</sup>. No entanto, a noção do nomadismo característico dos movimentos deste grupo como articulada por Perlongher sobre o gueto gay paulistano, ligando-o à definição de *região moral*<sup>13</sup> da Escola de Chicago, fornece um importante ponto inicial de reflexão para as mudanças territoriais recentes nos espaços de sociabilidade gay da cidade. Ainda assim, falar previamente na constituição de um gueto gay na Frei Caneca indica antes algumas posições políticas de quem se entende legitimado a falar sobre a rua do que uma constatação baseada em dados concretos: não há evidências de grande contingente de moradores assumidamente gays, mas tão somente a observância da presença e preferência deste público a vários espaços na rua junto a outros grupos não relacionados diretamente às homossexualidades.

Mesmo a noção de circuito gay na região da Frei Caneca deve ser relativizada: apesar de existir uma concentração de estabelecimentos identificados com um adesivo não foi possível observar um espaço contíguo ou minimamente localizável de oferecimento comercial dirigido; note-se também que há mudanças constantes nos endereços destes locais. Além disso, a maior parte destes se encontra na calçada próxima ao shopping e há diversos estabelecimentos apropriados por este público em várias outras partes da cidade e outros tantos na vizinha da Frei Caneca, a Rua Augusta.

Há até uma discordância local entre qual das duas ruas teria iniciado o processo de alterações e melhorias na região: se a inauguração do shopping, as construções imobiliárias e a presença gay na Frei Caneca, ou a inauguração de bares e casas noturnas e a ocupação da rua cada vez mais por indivíduos de melhor poder aquisitivo em detrimento das prostitutas na Augusta, conforme pôde ser visto em campo. O certo é que a etnografia permitiu observar um espaço de circulação contígua entre os frequentadores de ambas na ligação feita pela Rua Peixoto Gomide, local especialmente marcador de diferenças identitárias.

A Rua Augusta, após a abertura de algumas casas noturnas direcionadas a estilos musicais como o rock e a música eletrônica, observou a tomada de seus espaços por um grupo genericamente

---

<sup>12</sup> Sobre as diferentes abordagens da expressão ver MACRAE, 1983; FRANÇA & SIMÕES, 2005; FRANÇA, 2006; PERLONGHER, 2008. Pode-se até inferir sobre a similitude das noções de *gueto gay* e *circuito*, como entendido por Magnani, no caso da prevalência de estabelecimentos comerciais direcionados numa dada localidade.

<sup>13</sup> “É inevitável – raciocina Park – que indivíduos que buscam as mesmas formas de diversão devam de tempo em tempo se encontrar nos mesmos lugares.’ A população dessas áreas – que nem necessariamente reside, mas apenas perambula pelo local – ‘tende a se segregar não apenas de acordo com seus interesses, mas de acordo com seus gostos e temperamentos” (PERLONGHER apud PARK, 1973, p.64).



chamado de *emos*<sup>14</sup>. Além de ocuparem boa parte de suas calçadas nas noites de sexta-feira, algumas turmas ficam sentadas nas calçadas do quarteirão da Peixoto Gomide que a liga à Frei Caneca, bebendo e conversando, enquanto se observa um fluxo constante de pessoas em direção a esta última. Aparentemente misturados neste espaço, gays e emos, um olhar atento percebe uma gradual mudança de público conforme se caminha para a Frei Caneca: diminui-se a quantidade de emos em decorrência do aumento de gays. Vega (2008) discorre, em recente pesquisa, sobre a dinâmica identitária na Augusta, amplamente permeada por conflitos relativos a clivagens como a performance de gênero, classe e raça, com as atitudes afeminadas vistas negativamente. Relações conflituosas entre os diferentes grupos são comuns e foram atestadas em campo e na imprensa<sup>15</sup>. Nota-se um processo de diferenciação simbólica, pois ambos não impedem frontalmente a permanência num ou noutro espaço. Além disso, pode-se inferir o quanto indivíduos de um ou outro grupo não se auto reconheceriam, apesar de um discurso mais geral que empreende separações identitárias fixadas dentre aqueles que se entendem como gays ou não, uma espécie de gradação de masculinidade a ser presenciada no espaço que se ocupa numa mesma rua.

*“Azarando no shopping”: fluxos desejantes e espaços de consumo*

Inicialmente a pesquisa teve como ponto de partida o Shopping Frei Caneca, a fim de compreender os usos e dinâmicas internas entre os diversos tipos de frequentadores, lojistas e outros atores sociais, ante a ideia geral da presença majoritária de gays, e esse local foi onde se empreenderam as primeiras inserções em campo; num segundo momento se tornou central dar especial atenção ao movimento da Rua Frei Caneca e adjacências devido a todo o contexto descrito anteriormente e que ajudam a entender a conformação de identidades fixadas no espaço.

Quando se pensa em pesquisas sobre shopping centers, dificilmente se encontram trabalhos mais detidos na constituição de sociabilidades entre seus frequentadores ligados por laços simbólicos na perspectiva do consumo. Existem poucas pesquisas nesse sentido, salvo o trabalho pioneiro de Frúgoli Jr. (1990). Há de se salientar, nesse sentido, a importância da crítica de Douglas

<sup>14</sup> Segundo Vega (2008, 71): “*Emo* é um estilo juvenil derivado do *punk*. Devido ao grande sucesso comercial entre jovens (...) o estilo acabou por se espalhar por várias capitais do país. Devido a disputas simbólicas com outras vertentes do *punk*, os *emos* foram bastante criticados e o termo passou a ter um caráter pejorativo fora do círculo dos adeptos do estilo.” Apesar de apontar diferenças entre gays e emos, não pretende-se aqui afirmar que os sujeitos do campo não possam se entender num e noutro grupo, apenas a não identificação de falas que levassem a esse entendimento.

<sup>15</sup> Ver Redação, 15/06/2009; na noite do dia 12/06/2009, às vésperas da realização da 13ª Parada do Orgulho LGBT de São Paulo, pude presenciar um rapaz sentado na Rua Peixoto Gomide, próximo à Frei Caneca, ser agedido na cabeça com um skate; seus colegas e outras pessoas no local disseram ser os agressores *skinheads*, ou *punks*, ou *skatistas*, acionando várias das identidades grupais presentes naquele mesmo espaço.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

& Isherwood (2004) sobre as relações de consumo no contexto ocidental, vistas geralmente pela via da satisfação de necessidades básicas de sobrevivência ou da prática hedonista e superficial de aquisição de bens; os dois autores indicam tal ideologia, ligada comumente ao ‘indivíduo racional’ e às teorias economicistas, e que não consideram a possibilidade da construção social simbólica através da valoração e aquisição de determinados bens. Douglas & Isherwood tentam, assim, demonstrar que o mundo dos bens é dotado de dados culturais e que, portanto, “dizer de um objeto que ele está apto para o consumo é o mesmo que dizer que o objeto está apto a circular como marcador de conjuntos particulares de papéis sociais” (p. 41); de forma semelhante, é possível dizer que um local como um shopping center está apto a aglutinar determinados “conjuntos de papéis sociais” nem sempre previstos, como demonstram os usos de seus espaços por grupos jovens diversos na pesquisa de Frúgoli Jr. (1990) e, de forma semelhante, como pode ser observado no Shopping Frei Caneca numa tentativa de entender alguns marcadores que aproximavam ou não indivíduos de um ou outro grupo.

Como marcadores de papéis sociais, os 'templos do consumo' marcam identidades e espaços de posicionamento político – como ocorreu com o *beijaço* –, bem como usos não previstos de seus espaços<sup>16</sup>. E mesmo a localização de determinadas identidades sociais pode ser observada em espaços delimitados do shopping, ainda que isso não esteja totalmente deslocado da dinâmica cotidiana local. Aliás, tais identidades sócio-sexuais em fluxo muitas vezes se confundem com outras frequências locais e devem ser entendidas relacionalmente.

Um meio encontrado para definir alguns grupos e tentar uma tipificação mais precisa, apesar de não pretender ser definitiva, foi observar alguns códigos corporais e de vestimenta. Vestir roupas da marca X ou Y ajudava não só a me localizar, mas servia para situar grupos comuns ou não. Por exemplo: ostentar músculos numa camiseta justa cria um espaço de interdição de acesso a homens que não estejam se utilizando de códigos parecidos. Outro meio foi observar a intensidade de fluxos em alguns locais do shopping, a existência de espaços para encontros e a interação entre os sujeitos; dessa forma, me portar como frequentador comum do shopping, sentando em bancos e na praça de alimentação, indo aos cafés e às lojas, me permitiu uma visão mais global da dinâmica local. Mas não resolvia meus problemas de inserção ou interação.

Alguns achados merecem destaque, como a descoberta que determinadas lojas de vestuário

---

<sup>16</sup> Sabe-se de happy hours GLS que ocorrem às segundas-feiras no Shopping Metrô Tatuapé, localizado na Zona Leste de São Paulo e frequentado por grupos mais populares (FRÚGOLI JR., 2008, 237-238); também na cidade de Suzano, na região metropolitana de São Paulo, há encontros gays aos sábados na praça da prefeitura para confraternização e discussão.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

estavam identificadas mais proximamente a este grupo, observar as interações e conversas entre grupos de amigos e a confluência de casais de homens de mãos dadas e até beijos ocorridos no interior do shopping, algo difícil de se observar na rua. Esses dados são cruciais na constituição de uma identidade média homossexual entre os frequentadores do shopping, num processo etnográfico inicial: conhecer peças específicas de dadas marcas de roupas auxiliou na construção prévia de alguns grupos em afluência para o shopping e em seus corredores; também ajudaram a localizar melhor os índices de masculinidade locais, como entonação da voz, músculos à mostra, ostentação de marcas famosas, locais de frequência.

Dessa forma, pode-se delimitar uma presença bastante intensa de rapazes jovens comumente identificados como *gays* (por si mesmos e pelos outros) a três lojas de vestuário, especialmente. Uma delas possui ampla divulgação em revistas e sites direcionados ao público gay, publicando, inclusive, um calendário com fotos de homens de cuecas, um dos principais artigos procurados e dispostos em destaque nas vitrines; a outra, existente apenas nesse shopping, também comercializa vestuário masculino, mas chegou a ter uma área de roupas femininas; uma última loja tem também uma frequência considerável de gays, mas em menor número ante as anteriores, além de possuir um espaço físico menor. As duas primeiras lojas citadas ficam uma em frente à outra e formam um espaço de circulação bastante intenso.

Tais lojas servem também como ponto de encontro e de referência para aqueles que querem informações sobre as festas das casas noturnas GLS. Nessas lojas é comum uma especial ênfase ao consumo de peças íntimas, cuja posse é valorizada dentro do grupo mais jovem e que costuma trabalhar o corpo nas academias. Duas dessas lojas estão apenas no Shopping Frei Caneca e uma também na Rua Franca, próximo ao local dos Jardins que antes possuía uma grande concentração de estabelecimentos voltados aos gays (FRANÇA, 2006, p. 49-51). Há a presença de homens definidos como *mariconas* ou *tias* pelos gays acima citados, mais velhos e ostentando barbas e um corpo menos definido<sup>17</sup> nos cafés.

Há um aspecto simultaneamente público e privado dos shopping centers, permitindo um acesso de determinadas pessoas e ao mesmo tempo limitando-o a outras, aliado à expectativa de que a maior parte dos frequentadores estivessem em momentos de lazer no uso do shopping, como ficou claro em muitas das falas coletadas, foram empecilhos razoáveis na aproximação com informantes e se tornou um dado etnográfico significativo, visto que espera-se estar neste espaço “fechado” sem

---

<sup>17</sup> Comumente estes homens se definem como *ursos*, mas não consegui me aprofundar muito na relação de pesquisa com eles.



se ser importunado por outrem. Essa perspectiva informa também um dos usos do shopping feito por vários frequentadores homossexuais, qual seja o de andarem livremente com seus companheiros, travarem contatos de paquera e conhecimento mútuo e, como tratarei mais à frente, contatos sexuais furtivos em espaços específicos, por se encontrarem livres de infortúnios, garantido pela segurança do local; tal dinâmica, no entanto, não está isenta de ambiguidades.

É relevante salientar que há, ao mesmo tempo, uma aceitação e uma recusa do espaço do shopping e da Rua Frei Caneca como especialmente frequentados por gays no contexto dos discursos e das relações cotidianas observadas. Muitos dos informantes que se reconheciam como gays afirmavam haver uma frequência grande deste grupo, localizando-a por certos aspectos como um tipo de roupa específica, um determinado corte de cabelo, trejeitos e entonação de voz. Muitos deles também não se incluíam nos grupos que classificavam, afirmando fazerem uso restrito e esporádico do shopping e de alguns bares no entorno. Se tornou comum ouvir falas que negativavam a presença de gays seguidas da classificação destes frequentadores por outros termos, pejorativos e ligados a uma performance de gênero afeminada. O curioso era observar a transição da fala de uma auto definição do informante como gay para a afirmação da rua ser cheia de gays e, logo em seguida, não gostar dessa presença ostensiva de pessoas afeminadas. Como a maior parte das vezes tive contato com homens jovens, essa é minha base de análise, a qual pretendo expandir para outras faixas etárias na medida do possível.

Duas falas exemplificam bem essa questão: quando conversei com um rapaz, migrante do Rio de Janeiro residente nos arredores do shopping há alguns anos, sobre o que ele achava do shopping, o mesmo afirmou ser um lugar “cheio de mariconas<sup>18</sup> loucas”, se referindo a alguns homens mais velhos que este identificava como gays que circulavam por lá; outro entrevistado afirmou ser “um lugar com clima de pegação, cheio de gays de meia-idade com grana”. Ambos afirmaram utilizar o shopping apenas para ir ao cinema e comer na praça de alimentação.

Outra fala exemplar sobre a importância do shopping é de um rapaz residente no bairro de Itaquera, Zona Leste da cidade, afirmando ser “óbvio” o motivo para se deslocar de seu bairro até o Shopping Frei Caneca para ir ao cinema, mesmo havendo boa oferta deste tipo de serviço em sua região. Na ocasião da entrevista, o mesmo estava apresentando o local a um colega da Baixada Santista, litoral sul do estado de São Paulo, que já ouvira falar do shopping. A presença de pessoas de outras cidades e estados é comum, por já terem algum conhecimento de uma presença constante

---

<sup>18</sup> *Maricona* é um termo pejorativo que engloba tanto uma performance de gênero afeminada quanto homens de idades superiores aos quarenta anos.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

de homossexuais: um outro rapaz do Rio de Janeiro afirmou estar de passagem pela cidade e aproveitou para conhecer o “shopping gay” de São Paulo, mas disse estar decepcionado porque achou a frequência bem menos intensa do que o imaginado.

Cito ainda duas observações bastante recentes e que chamam a atenção para a questão: numa delas, me encontrei com um amigo gay militante para passearmos na região da Rua Frei Caneca e o mesmo prontamente pediu para irmos à Praça da República porque não aguentava mais aquele monte de 'bichas quá-quá'. Surpreso, questionei o porquê de sua fala e esse amigo não se aprofundou na explicação, mas ligou o uso pejorativo de uma expressão ligada a afeminação por considerar parte dos frequentadores da Frei Caneca esnobes. Num outro dia, durante o campo de pesquisa, ao passar na Frei Caneca um rapaz falava ao telefone que estava saindo daquela rua porque ela estava 'cheia de viados'<sup>19</sup>. Esses dois exemplos mostram a série de conflitos que existem e persistem em locais reconhecidos como intensamente ocupados por gays e outros públicos homossexuais.

Por fim, a observação contínua do espaço permitiu inferir, por exemplo, a pouca presença de casais de mulheres, andando de mãos dadas, ao contrário dos casais masculinos. Dentre estes a maior frequência pode ser observada principalmente aos domingos, sendo que num deles cerca de quinze casais, de mãos dadas ou trocando beijos, circulavam tranquilamente nos corredores. Esse é um dado importante a ser considerado, tendo em vista destacar opiniões positivadas ou negativadas em relação a esses fluxos gays.

### *Problematizando questões: fluxos aos banheiros e fronteiras movediças*

Além dos passeios e outras atividades de lazer, seguidos de paqueras e trajetos pelos corredores do shopping que propiciavam o contato de olhares, há um uso específico e bastante difundido nos chamados *meios gays*: a *pegação* em banheiros públicos ou *banheirão*<sup>20</sup>. Tal dinâmica não está isenta de conflitos: há uma placa, visível logo na entrada dos sanitários masculinos, alertando para as penas da prática de ato obsceno em local público<sup>21</sup> e uma dinâmica de

<sup>19</sup> *Bicha quá-quá* é uma expressão pejorativa mais utilizado entre gays e se refere a um sujeito com traços afeminados e de baixo poder aquisitivo, mais pobre; já *viado* é um termo bastante pejorativo e depreciativo, disseminado na população em geral e se refere a homossexuais masculinos genericamente, bastante utilizado quando se quer ofender alguém pretensamente heterossexual.

<sup>20</sup> A prática do *banheirão*, resumidamente, consiste na troca sexual furtiva entre dois ou mais parceiros no espaço do mictório; tais trocas sexuais costumam ser rápidas e silenciosas e não ultrapassam os limites dos toques e da felação. Não demorou muito para que a movimentação nos sanitários fosse percebida em campo.

<sup>21</sup> Lê-se na placa: “A prática de ato obsceno em lugar público, ou aberto ou exposto ao público, é passível de pena de detenção de três meses a um ano” (Artigo 233 do Código Penal) – Respeitar as leis de seu país é garantir seu direito à Cidadania”



entrada e saída de seguranças e faxineiros para reprimir tais atos. Certa vez, um faxineiro exaltado bradava contra as 'porcarias' que os 'viados' faziam nos banheiros, afirmando ser capaz de agredir fisicamente quem lá fosse pego. No entanto, tal prática não deixa de existir e é prefigurada por uma série de signos próprios: troca de olhares, gestos e sinais compartilhados em meio ao silêncio.

Mais do que indicar um dado comum à *cultura do gueto gay* (POLLAK, 1983), a existência do *banheiro* tem especial significado para se entender algumas classificações identitárias de pertencimento ou exclusão: apesar de negativado nos discursos, muitos dos informantes se dirigiam aos sanitários para tais interações. Um termo nativo de definição dos frequentadores dos banheiros à procura de sexo foi justamente um marcador de idade e performance de gênero: *maricona louca*. Já se atentou, em outros trabalhos, para a definição particularmente depreciativa de tipos homossexuais masculinos tidos como muito afeminados, por vezes definidos como *bichas quá-quá* ou *poc-poc*, nem sempre localizadas como gays, mas como *viados*, *bichas*, *mariconas*<sup>22</sup>. Como citado anteriormente, termos desse tipo eram destinados a outrem, e nunca significavam um encaixe de si nessas classificações. A observação nos espaços permitiu problematizar esse tipo de ordenação no shopping, já que alguns desses frequentadores que se alocavam numa classificação positivada eram também usuários das práticas sexuais nos banheiros do shopping.

Rubin (2003), em sua avaliação acerca da sexualidade 'saudável', constrói um aparta teórico que informa bastante a realidade aqui apresentada. A autora apresenta um quadro no qual a sexualidade não monogâmica, não heterossexual e não vaginal só pode ser alocada como perversidade. No caso das trocas sexuais entre alguns dos sujeitos aqui citados, tidos ora como gays, ora como mariconas, põe-me perspectiva a afeminação como ponto nevrálgico de definição identitária que pode rebaixar: aqueles avaliados de forma negativa são justamente os afeminados, de quem se tem o pressuposto avaliativo da passividade sexual. Apesar dessa avaliação dos discursos, não quero deixar de pontuar o aspecto *camp* do que se fala, no sentido de desconstruir comportamentos e posturas mais polidas e politicamente corretas acerca do que se fala; mas não deixa de ser significativa a permanência do sujeito afeminado no espectro do perverso, negativo e errado. Ainda que esse mesmo sujeito talvez não exista de fato, não seja conhecido de quem fala, mas construído pela fala.

O caso da Frei Caneca é significativo: a rua se constitui como espaço dos gays de uma forma geral; também é assim percebida por quem circula nela e se assume gay, ainda que não trate isso de uma forma tão positiva; e é vista, por alguns dos sujeitos auto definidos como gays, como espaço da

---

<sup>22</sup> Ver FRY (1982), CARRARA & SIMÕES (2007), PERLONGHER (2008), VEGA (2008).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

presença de homossexuais masculinos que estaria classificados numa chave afeminada e, logo, negativa. Além disso, essas divisões conformam espaços de fixidez identitária: a esquina da rua, os banheiros, lojas ou cafés do shopping, como citado acima.

Interessante retomar o caso das diferenciações na rua entre gays e emos: Perlongher (2008), ao falar de certo nomadismo territorial no gueto gay, indica um caminho interpretativo interessante para a dinâmica homossexual local. A questão da maior ou menor afeminação, dependendo do lugar em que se está – no banheiro ou na rua – indica um processo de delimitação de fronteiras movediças que devem ser entendidas relacionalmente.

Por fim, apesar de shopping e rua Frei Caneca apresentarem características que os aproximariam de um contexto de enclave ou circuito homossexual, não me sinto à vontade para qualquer determinação neste sentido; tentei, da forma como se apresentou o campo, apresentar alguns pontos importantes de um espaço recheado de limites pouco passíveis de uma delimitação mais precisa. Mais correto seria indicar um espaço propício para a confluência e discursos e fluxos polissêmicos, com a necessidade de maior aprofundamento de algumas questões.

### *Bibliografia*

- BRAZ, C. A . “Vestido de Antropólogo: nudez e corpo em clubes de sexo para homens”. *Bagoas*, n.03, 2009, p.75-95.
- BUTLER, J. *Problemas de Gênero*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CARRARA, S. & SIMÕES, J. “Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira”. *Cadernos Pagu*, n.28, Campinas, jan./jun. 2007, p.65-99.
- DOUGLAS, M. & ISHERWOOD, B. *O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2004.
- FRANÇA, I. L. *Cercas e pontes. O movimento GLBT e o mercado GLS na cidade de São Paulo*. Dissertação de mestrado, Antropologia Social, USP, 2006.
- FRÚGOLI JR., H. *Os shopping centers de São Paulo e as formas de sociabilidade no contexto urbano*. Dissertação de mestrado, FFLCH, USP, 1990.
- FRÚGOLI JR., H. “Sociabilidade e consumo nos shopping centers de São Paulo: eventos e desafios recentes” in Bueno, M. L. & Camargo L. L. (orgs.). *Cultura e consumo: estilos de vida na contemporaneidade*. São Paulo: Ed. Senac SP, 2008, p. 231-246.
- FRY, P. “Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil” in *Para*



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

*inglês ver.* Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

LEVINE, M. “Gay ghetto” in Levine, M. (org.) *Gay men: the sociology of male homosexuality*. New York: Harper & Row, 1979.

MACRAE, E. “Em defesa do gueto” [1983] in Green, J. N. & Trindade, R. (orgs.) *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Ed. Unesp, 2005, p. 29-308.

MAGNANI, J.G. C. “Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole”. in Magnani, J. G. C. & Torres, L.de L. (orgs.). *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1996. p.12-53.

PERLONGHER, N. *O negócio do michê* [1987]. 2ª ed. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2008.

POLLAK, M. “A homossexualidade masculina, ou: a felicidade no ghetto?” in *Sexualidades Ocidentais*. Lisboa: Contexto, p. 51-73, 1983.

RUBIN, G. “Pensando sobre sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade” in *Cadernos Pagu*, n. 21. Campinas, p. 1-88, 2003.

SIMÕES, J. & FRANÇA, I. L. “Do ‘gueto’ ao mercado” in Green, J. N. & Trindade, R. (orgs.) *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Ed. Unesp, 2005, p. 309-336.

VEGA, A P. *Estilo e marcadores sociais da diferença em contexto urbano: uma análise da desconstrução de diferenças entre jovens em São Paulo*. Dissertação de mestrado, Antropologia Social, USP, 2008.

#### *Matérias de imprensa:*

CARVALHO, M. C. “Região da Frei Caneca vira ‘point’ GLS”. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 22/06/2003, p.C8.

PRONSATO, B. “Rua Frei Caneca: ser ou não ser gay”. *RRAURL*, 13/08/2008, disponível em [http://rraurl.uol.com.br/cena/5574/Rua\\_Frei\\_Caneca\\_ser\\_ou\\_nao\\_ser\\_gay](http://rraurl.uol.com.br/cena/5574/Rua_Frei_Caneca_ser_ou_nao_ser_gay) (acessado em 11/01/2009).

REDAÇÃO. “Gay Caneca”. *MixBrasil*, 21/07/2008, disponível em [http://mixbrasil.uol.com.br/upload/noticia/4\\_151\\_67930.shtml](http://mixbrasil.uol.com.br/upload/noticia/4_151_67930.shtml) (acessado em 23/01/2009).

REDAÇÃO, “Homem sofre traumatismo craniano ao ser espancado em via perto da Parada Gay de SP”. *FolhaOnLine*, São Paulo, 15/06/2009, disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u581109.shtml> (acessado em 15/06/2009).



» **XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais**

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina